

A aldeia global intercriativa¹

The intercreative global village

Celso Candido²
ccandido@unisinos.br
<http://caosmose.net/candido>

RESUMO: Este texto pretende estabelecer uma relação entre o desenvolvimento cultural e as possibilidades de autopreservação da humanidade e de preservação do meio ambiente no contexto da sociedade contemporânea. Busca compreender esta relação a partir de uma análise das tecnologias de comunicação e informação desenvolvidas pela humanidade desde a invenção da escrita até as novas mídias digitais. Esta análise está principalmente atenta à mensagem destes meios, seus efeitos e formas. Ela também tem por objetivo salientar os aspectos significativos desta cultura, sem esquecer de pontuar seus aspectos críticos. Entretanto, visa principalmente identificar a emergência das novas tecnologias de comunicação como um dos instrumentos mais importantes de integração global e intercâmbio humano. Focando a atenção na mensagem de intercriatividade cultural das comunicações digitais, a análise também destaca a emergência de novos meios moleculares de produção, registro, reprodução e distribuição dos bens culturais. Conseqüentemente, busca-se caracterizar estas novas tecnologias como um dos mais poderosos meios de desenvolvimento cultural da humanidade.

Palavras-chave: intercriatividade, internet, hipertexto, cultura, aldeia global.

ABSTRACT: This text establishes a relationship between cultural development and the possibilities of human self-preservation and the preservation of the environment in the context of contemporary society. It tries to understand this relationship based on an analysis of the communication and information technologies developed by humankind since the invention of writing until the new digital media. This analysis is especially attentive to the message of these media as well as their effects and forms. It also highlights the significant aspects of this culture, without forgetting to mention some of its negative aspects. However, its main purpose is to identify the emergence of the new communication technologies as one of the most important instruments of global integration and human exchange. Focusing on the message of cultural intercreativity of digital communication, it also underlines the emergence of new molecular means of production, recording, reproduction and distribution of cultural goods. Consequently it characterizes these new technologies as one of the most powerful means of human cultural development.

Key words: intercreativity, internet, hypertext, culture, global village.

¹ Este texto tem sua origem em uma comunicação apresentada durante o 'IX Colóquio de Filosofia - Filosofia e Psicanálise: o olhar e o rosto' na mesa 'Novas tecnologias de comunicação e informação e seus impactos no mundo do trabalho, da organização política e cultural', ocorrido na UNISINOS em Agosto de 2006.

² Professor de Filosofia da UNISINOS.

Creio que há tantas psicologias quantas filosofias, porque não existe apenas uma, mas numerosas filosofias. Digo isto, porque entre a Filosofia e a Psicologia reina uma conexão indissolúvel, conexão esta que se deve à inter-relação de seus objetos; em resumo: o objeto da Psicologia é a alma, e o objeto da Filosofia é o mundo.
Carl G. Jung

As mais recentes abordagens ao estudo dos meios levam em conta não apenas o “conteúdo”, mas o próprio meio e a matriz cultural em que um meio ou veículo específico atua. [...] A imprensa criou o individualismo e o nacionalismo no século XVI. A análise de programas e “conteúdos” não oferece pistas para a magia desses meios ou sua carga subliminar.
Marshall McLuhan

1

Para onde quer que nosso olhar se volte, onde quer que estejamos e o que quer que façamos, a pergunta continua essencialmente a mesma que Freud, ainda no século XX, durante o entre-guerras, colocava: *serão capazes as forças de Eros de surpreenderem e derrotarem as forças de Thanatos que avançam por todos os lados? Será a força e o poder da cultura capaz de sublimar os temíveis e poderosos desejos de destruição humanos, hoje encarnados, de um lado, na não interrompida corrida armamentista e, de outro, na relação temerária com o meio-ambiente?*³ *A fim de evitar que a humanidade se destrua a si mesma? – tal o poder que o domínio sobre as forças da natureza teria dado ao homem* (Freud, 1980a, p. 170).

A complexidade e dramaticidade dos problemas aí implicados são de tal ordem que nos deixam a todos perplexos. Seguimos em uma espiral que parece não ter fim, em velocidade crescente, aparentemente em direção a um buraco negro, generalizando, de um lado, o ceticismo e, de outro, o egocentrismo na era do simulacro e do efêmero, da diferença e do virtual.⁴

Gostaria de situar a discussão da emergência das tecnologias de comunicação e informação na sociedade neste contexto de contradições monumentais – através, principalmente, da análise das tecnologias que transformaram e instituíram o imaginário⁵ cultural a partir da invenção da escrita, passando pela televisão, até a emergência das mídias digitais “intercriativas” –, reconhecendo que o desenvolvimento cultural, apesar de todas as contradições, continua sendo uma das maiores fontes de formação e enriquecimento da experiência humana e hoje está se processando em uma escala e co-presença global⁶.

³ Quando escreveu seu texto *O mal-estar na civilização*, Freud ainda não conhecia os poderes destrutivos das armas e bombas nucleares.

⁴ Para Manuel Castells, a questão ambiental engloba todos os seres humanos em uma mesma luta, constituindo a unidade da espécie atualmente. A reflexão aqui situa-se na perspectiva ecosófica, proposta por Guattari (1999) em seu livro *As três ecologias*.

⁵ O conceito de imaginário aqui refere-se àquele proposto por Castoriadis (1982) em sua obra *A instituição imaginária da sociedade*.

⁶ Foi Einstein quem, na metade do século XX, teria afirmado que, diante das três bombas que explodiram no século XX – a demográfica, a atômica e a comunicacional –, a humanidade, com cerca de 2 bilhões e meio de indivíduos então, teria se deparado com uma opção radical e irreconciliável para resolver os problemas da bomba demográfica: ou a bomba atômica ou a bomba das comunicações.

2

A escrita é uma invenção relativamente recente, de aproximadamente 6 mil anos, se a compararmos com as primeiras pinturas de Chauvet há cerca de 30 mil anos (Capra, 1999) ou com os aproximadamente 2 ou 3 milhões de anos desde a criação da linguagem oral (Maturana, 1997).

A oralidade, portanto, continua sendo, proporcionalmente ao tempo de existência humana, o recurso cultural mais importante. E certas reações de Platão à escrita (Derrida, 1997) atestam os efeitos e contradições da mudança, da introdução de um novo suporte tecnolingüístico na cultura, cujos efeitos eram certamente imprevisíveis aos primeiros literatos. – Sócrates não deixou, ele mesmo, nem uma letra escrita de seus pensamentos, e o que nos resta de sua sabedoria foi mantido através da pena de Platão (Colli, 1996). Para Platão, a escrita, “pensamento com letras imóveis”, era uma *tixnh – téchn* – não filosófica, pois era interdito a ela o diálogo, o diálogo vivo que então só a oralidade permitia, o encontro agonístico em busca da sabedoria. O que Platão contestava, certamente contra a cultura sofista, era a imobilidade da palavra escrita, a sua incapacidade técnica para constituir um pensamento dialético e, portanto, para buscar a verdade (Platão, 1958a; b).

Apesar da absoluta hegemonia da cultura oral e das resistências platônicas, a escrita vai aos poucos infiltrar-se na cultura. Ela vai conquistar grande parte do imaginário cultural pelo seu grande poder de síntese e comunicação, desde pelo menos o surgimento do alfabeto há cerca de 3 mil anos, e principalmente no período moderno, com a invenção da impressão e da reproduzibilidade industrial em alta escala, através do jornal e do livro.

A escrita introduz na cultura um *novo suporte lingüístico*, cujas propriedades de memória, registro e transmissão dos bens e valores culturais provocam uma grande desterritorialização cultural e política. Impõe-se um suporte “neutro” de registro das idéias e conhecimentos que é independente da mediação oral humana. Neste sentido, Aristóteles parece já estar plenamente imerso na cultura literária. A cultura e seus bens agora podem transcender os limites da oralidade, da memória-corpo, da nação, do tempo, através do suporte escrito. Já no século III a.C., o projeto da Biblioteca de Alexandria pretendia reunir “todo o conhecimento do mundo” em um único espaço, onde se encontraria pelo menos um exemplar de cada livro escrito no mundo.

Com os procedimentos de impressão e reprodução industriais, o livro e o jornal se instauram como potências culturais irreversíveis e vão desenhar grande parte da vida subjetiva, cultural e política moderna a partir do século XVI. Neste contexto nasce o projeto moderno de emancipação do *Aufklärung*. É através do *Esclarecimento*, dizia Kant, ou seja, do livre debate de idéias cuidadosamente elaboradas e bem intencionadas no âmbito do “mundo letrado”, que os homens seriam capazes de superar seus erros e avançar ainda mais no seu aperfeiçoamento (Kant, 1974).

Esta hegemonia cultural da palavra impressa se estendeu até pelo menos a invenção do rádio, no final do século XIX, e começou a entrar em declínio real desde a emergência da televisão e do cinema falado nos princípios do século XX.

3

Contemporaneamente, sem dúvida, a indústria e o mercado da palavra escrita impressa continuam sendo expressivos, e, apesar do enorme impulso sofrido a partir da emergência do hipertexto eletrônico, o livro e o jornal não têm mais a importância hegemônica no imaginário e na cultura dominantes. A cultura oral através do rádio e a cultura áudio-visual através do cinema e da televisão desenvol-

veram grandes forças produtivas em escala de massas, hegemonizando o imaginário social até o final do século XX.

As vantagens introduzidas pela escrita e seus procedimentos de impressão, distribuição e consumo, como, por exemplo, a velocidade e o alcance espaço-temporal na transmissão da informação são superadas ainda mais pela velocidade, primeiro do rádio e depois da televisão. A informação torna-se instantânea; pelas ondas do ar, agora ela é comunicada a grandes massas de pessoas e transforma parcelas significativas da paisagem social. Segundo McLuhan, o livro individualiza, enquanto o rádio unifica, retribaliza. O rádio, como “tambor tribal”, produzia a extensão do “sistema nervoso central para criar um envolvimento em profundidade que atingia a todos”. E se a televisão tivesse sido inventada antes do rádio possivelmente Hitler não teria conquistado o poder (McLuhan, 2001, p. 336).

A partir da segunda metade do século XX, a televisão supera em popularidade o rádio, insinuando-se como o principal meio de comunicação planetário. Ainda hoje, seu poder é extraordinário e crescente, mesmo que não tenha a mesma posição de hegemonia absoluta de antes; basta evocar um acontecimento como uma Copa do Mundo ou uma Olimpíada Mundial, para demonstrar seu poder de integração humana planetária⁷.

Não há dúvidas, entretanto, de que a televisão confiscou e continua confiscando grande parte da subjetividade contemporânea. Italo Calvino, ao abordar o mal-estar na cultura atual, diz que uma “epidemia pestilenta” atingiu a mais importante faculdade humana, a da linguagem. No caso da linguagem escrita, a peste consistiria em uma “[...] perda de força cognoscitiva e de imediaticidade, como um automatismo que tendesse a nivelar a expressão em fórmulas mais genéricas, anônimas, abstratas, a diluir os significados, a embotar os pontos expressivos.” (Calvino, 1990, p. 72). E acrescenta que também a linguagem das imagens foi atingida pela pestilência. Estamos vivendo “sob uma chuva ininterrupta de imagens”, na qual os meios de comunicação “[...] todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos – imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis” (Calvino, 1990, p. 73).

A mídia televisiva como fluxo incessante de sons e imagens mobiliza, paralisa ao convocar seus telespectadores a uma intensa participação dos sentidos. Isto decorre de seu modo de ser em mosaico e intermitente. Como *capturar* uma imagem ou comentar uma notícia se, logo após uma, outra é lançada aos sentidos, como uma “chuva de imagens” e informações cada vez mais ousadas e criativas; e assim, indefinidamente, imagens e sons se multiplicam e se projetam no olhar atento.

Se há uma dialética possível, se há um diálogo aí, este só poderá ser do indivíduo com ele mesmo, mas mesmo assim em níveis muito “fracos”. Quem tem paciência, quem pode esperar, quem pode pensar? – porque as imagens escorrem pela tela, não se pode desviar o olhar com o risco de “perder o assunto”. De certa forma, o diálogo aqui está interdito.

Assistir à televisão é um dos atos culturais solipsistas atuais mais praticados no planeta (Castells, 2000), contaminando das mais variadas formas todas as relações, familiares, escolares, afetivas. A força da mídia televisiva é tal que acaba produzindo uma subjetividade marcada por um comportamento imagístico, promovendo *uma plasticidade* monumental dos sentidos jamais vista e experimentada pela humanidade em toda sua história, na qual o que parece... enfim é. O simulacro tornou-se o próprio real. O vivido é experimentado como expressão do simulacro.

⁷ McLuhan parece ter gritado no deserto quando da emergência da televisão. Ela foi apropriada por instintos nem sempre nobres, exercendo, entretanto, enorme poder no cenário político e cultural.

Neste universo imaginário, o real perde sua realidade própria e o simulacro acaba por perder seu poder de sedução.

Projetamo-nos assim em um mundo vastamente ocupado pelo imenso vazio da onipresença virtual do simulacro. Se a televisão unifica as almas humanas em uma grande aldeia global, ela o fez e faz de um modo, muitas vezes, assustador. Como uma flauta, hipnotiza seus *teleassistentes*. Ela convoca a uma “participação em profundidade”, mas produz uma subjetividade comunicativa essencialmente passiva, *achatada*, porque seu modo de ser é o de um meio de comunicação de massas de *mão única*, tipo *um-para-todos* (Lévy, 1997).

4

Por outro lado, porém, ao mesmo tempo deveríamos nos perguntar: quanto do desenvolvimento cultural atual se deve à televisão e, de modo geral, aos meios de comunicação de massas?

Há muitas vezes uma tendência a minimizar não apenas os efeitos da comunicação audiovisual, mas, talvez principalmente, suas “qualidades”, em consequência de um certo autocentramento da razão ocidental que tende a subestimar o poder de outras formas de racionalidade, de conhecimento e percepção do mundo e de outras formas de sensorialidade e inteligência. De modo geral, adota-se a atitude cética do altar da cultura letrada, muitas vezes subjugando de forma preconcebida as outras formas de manifestação cultural a um plano de manifestação intelectual inferior.

No entanto, hoje, de fato, nossa cultura está hegemônica pelo fascínio e poder da imagem, pela tremenda sedução dos recursos audiovisuais que penetra, indistinta e sutilmente, na alma de cada pessoa. “Assistir à televisão”, “ouvir música”, “jogar *games*”, “ir ao cinema” ou “navegar na Web” constituem hoje importantes atividades no cotidiano de bilhões de seres humanos, sendo atividades preferidas especialmente entre os jovens no mundo todo. Estas engrenagens constituem uma indústria cultural altamente lucrativa e produtiva, criando e desenvolvendo poderosas forças produtivas que aparentemente não estão em vias de se extinguir, mas de se expandir em novas formas híbridas de comunicação através das redes digitais de computação e comunicação partilhada.

Steven Johnson, muito próximo da análise da mensagem dos meios empreendida por McLuhan, pretende que, de modo geral, a indústria cultural, durante os últimos 30 anos, tornou-se mais inteligente, mais complexa e mais exigente. A “curva do dorminho”, a cultura média, cresceu positivamente. Ou seja, apesar de tudo, há muita inteligência nesta história toda (Johnson, 2005).

Assim, em que pese todos os lamentos e tantas contradições, não se pode negar que os mundos virtuais criados através do cinema, do rádio, da televisão, do videogame, da internet, são elementos constitutivos fundamentais da produção de subjetividade contemporânea. E apesar, evidentemente, de todos os problemas e todas as poluições mentais veiculadas pelos aparelhos de comunicação de massa, é indiscutível a enorme e complexa contribuição destes meios ao desenvolvimento cultural da humanidade.

Seja como for, toda esta *tecnocultura pop multimídia* veio para ficar, apesar das resistências que, vez por outra, emergem de uma certa “burocracia letrada”.

5

O final do século XX trouxe, com a Internet e a Web, uma nova forma de comunicação, digital e integrada, cujo modo de ser híbrido não apenas transforma, mas também supera as mídias tradicionais.

Esta nova comunicação é constituída por um complexo emergente e convergente de mídias e dispositivos digitais hipertextuais situados no contexto da sociedade da informação. Ela é, por assim dizer, a forma comunicativa desta sociedade. Mas é muito mais que comunicação de informação binária. É propriamente uma das formas mais poderosas de comunicação já inventadas na história.

A *World Wide Web*, como uma das expressões mais significativas da nova mídia, integra, em primeiro lugar, o conjunto dos seres humanos sobre o planeta. É a “aldeia global” de fato se realizando; uma aldeia mundial integrada à velocidade da luz por vias digitais de comunicação de “mão dupla”. Ela institui novas formas de comunicação que *afetam* o conjunto das relações sociais, não apenas as consideradas estritamente comunicacionais, mas praticamente todos os níveis do intercâmbio pessoal e social. De fato, não há hoje praticamente uma única força produtiva importante que não esteja, direta ou indiretamente, engatada em algum tipo de relação de comunicação e computação digital.

Por sua natureza ser de tal forma “visceral”, o conceito de comunicação digital nos impõe, brevemente, recolocar em questão o conceito de comunicação, para tentar entender toda a extensão e as conseqüências de sua emergência enquanto fenômeno cultural.

Maturana e Varela pretendem que a comunicação seja entendida como a própria possibilidade de existência do humano, pois é através da linguagem, que os indivíduos e grupos sociais estabelecem seus códigos de conduta e leis e sua cultura (Maturana e Varela, 2001). É, já dizia Aristóteles, pela linguagem que o *anthropos* diferencia-se dos demais animais, porque é no ato de “trocar palavras” que os seres humanos constituem sua civilidade, suas noções de certo e errado, bem e mal (Aristóteles, 1998). Este processo comunicativo, portanto, é o próprio ato humano, é o ato próprio de instituição da condição humana. Fora da linguagem o indivíduo deixa de lado sua humanidade. Toda a vida humana é atravessada pelos atos de linguagem.

As comunicações digitais *afetam*, portanto, não apenas o aspecto midiático da linguagem, mas também diferentes e importantes dimensões da própria condição humana que antes eram inatingíveis pela mídia de massas, como o rádio e a televisão.

6

Desse modo, a complexidade conceitual e a profundidade desta *afetação* poderiam ser melhor compreendidas a partir da consideração de certos efeitos da *mensagem de integração e intercriatividade da tecnologia digital* em aspectos fundamentais da condição humana: os das comunicações pessoais, afetivas e profissionais, das formas de trabalho, do intercâmbio e direito cultural, do desenvolvimento das forças produtivas e da transformação da organização social e política – o que, devido à sua extensão e complexidade, só se pode fazer aqui de modo introdutório.

Reconhecendo, pois, os limites da abordagem deste texto e apenas a título de ilustração, gostaria de destacar inicialmente uma nova configuração, um novo desenho das dimensões da vida pública e da vida privada. Enquanto a vida pública, o mundo exterior, a cultura se tornam cada vez mais acessíveis desde o *mouse*, a vida privada, os indivíduos e seus grupos invadem a esfera pública desde suas casas. O ego torna-se cada vez mais público, enquanto o público torna-se cada vez mais acessível às abordagens pessoais. Certamente novas configurações do direito público e privado deverão emergir no contexto de interculturalidade política e social emergente.

Neste novo espaço-informação de vias digitais de mão dupla, a esfera da comunicação que operava uma grande divisão de trabalho entre o consumidor, de um lado, e o produtor de informação, de outro, tende a se desconstituir, na medida em que cada um torna-se receptor e emissor de sinais e signos comunicativos e culturais. É a figura do “prossumidor” cultural (Toffler, s/d). Agora, na imensa praça pública virtual contemporânea, cada indivíduo, cada grupo de pessoas, é *uma potência comunicativa mundial real, ativa* – enquanto na configuração *massmediática* precedente, ele não era senão um terminal onde a televisão projetava sua programação. O indivíduo pode agora não apenas constituir sua própria programação cultural, mas principalmente pode criar de forma livre e independente da mídia de massas.

O alcance político e cultural desta mudança de perspectiva e posicionamento é imenso, e hoje temos apenas indícios dos efeitos destas tecnologias digitais (Negroponte, 1996), mas também das contradições que começam a aparecer cada vez mais claramente. Não apenas o grave problema da divisão e exclusão digital, mas também o fato de que boa parte das governanças instituídas simplesmente não consegue falar a linguagem hipertextual da sociedade da informação. Estas contradições, sem dúvida, colocam em questão grande parte das formas do exercício da governança no mundo contemporâneo.

Ao mesmo tempo, é preciso chamar a atenção para o fato de que estas tecnologias cibernéticas de comunicação e informação tornaram-se talvez as principais ferramentas de trabalho no modo de produção da sociedade da informação, constituindo um importante capital molecular e uma força de trabalho pós-industrial cada vez mais decisiva no desenvolvimento das forças produtivas. Isto, por sua vez, coloca em questão o modo como, desde Marx (1984), entendemos as categorias tradicionais de capital e trabalho e suas contradições e relações de força e poder.

Um outro aspecto para o qual ainda vale a pena chamar a atenção é o caráter de forte desregulamentação da Web, diferentemente das comunicações de massa, que são bastante controladas pelas legislações nacionais mais ou menos liberais. Controle e repressão em países como a China e Cuba, certamente, existem. Mas a Web só pode existir porque todo um movimento *bottom up* de milhões e milhões de pessoas interconectadas está emergindo, crescendo, ficando mais inteligente. A Web não vai impedir os governos totalitários de controlar as cabeças de seus governados. Entretanto, certamente será e já está sendo um instrumento antitotalitário, não apenas pelas diversas apropriações midiáticas que lhe são próprias, mas principalmente pelo seu próprio modo de ser, sua *mensagem*: emergente, integrador e, principalmente, intercriativo (Berners-Lee, 2000).

No entanto, este modo de ser caótico, desregulamentado, “quântico” coloca em questão, de modo dramático, o problema dos “direitos autorais”. Com sua estrutura aberta – penso particularmente nos sistemas de redes *peer to peer* de computação partilhada colaborativa – e sua alta capacidade técnica de reprodutibilidade dos bens digitais, com custos de produção, registro e distribuição drasticamente reduzidos, a rede é um mar aberto para a pirataria, mas também para a brilhante e rica cultura do *open source*⁸ e outros movimentos de compartilhamento do conhecimento, da informação e dos bens culturais.

7

Em todo caso, entender este novo cenário comunicativo e cultural, implica ir além das categorias de análise e dos conceitos de uma filosofia da comunicação,

⁸ Ver o livro *Só por prazer*, de Linus Torvalds (2001), o inventor dos sistema Linux, um dos maiores sucessos em termos de cultura *open source*.

centrados nas mídias até então predominantes (livro, jornal, rádio, televisão), pois podem acompanhar apenas em parte as elaborações das categorias e dos conceitos da comunicação pós-mídia digital. As categorias que fundaram a pesquisa e a reflexão sobre a forma de comunicação hegemônica durante grande parte do século XX foram estabelecidas a partir de um modo de relação midiática essencialmente vertical, de cima para baixo, tipo top down, em uma época marcada pelo consumo de massa e pela ideologia unidimensional. O modo de ser da mídia digital é de um tipo bastante diferente, transversal, de baixo para cima, bottom up. Aquele tipo, mídia de massas, moderno; este tipo, pós-mídia, “pós-moderno” ou “hipermoderno”. Aquele, veiculando a ideologia da sociedade industrial; este, as pós-ideologias da sociedade pós-industrial.

É, verdadeiramente, extraordinária gama e complexidade de possibilidades implicada neste novo espaço de interação e criação cultural. A comunicação de massa é uma macrocomunicação, macrofísica, enquanto a comunicação digital é uma microcomunicação, microfísica, viral. É por isto que, na medida em que estabelece relações de poder complexas, do tipo *bottom up*, e se situa na perspectiva de uma teoria das possibilidades e das probabilidades, esta forma digital de comunicação pode ser caracterizada como um fenômeno *emergente*⁹.

Emergência aqui não significa somente a idéia de um fenômeno novo que emerge ou emergiu, que parte de uma situação totalmente outra constituindo um novo *eidos*, uma nova forma. Significa também o fato de que a *emergência* caracteriza seu próprio modo de ser – na medida mesma em que ela não pára de emergir para formas sempre novas, constituindo seu próprio processo auto-instituente. É um tipo de organização *bottom up*. *Seu processo produtivo implica permanentemente esta qualidade de ser bottom up*. Intercriatividade colateral incansável – *a little bit like ants*.

8

Assim, a atual convergência midiática promovida pela emergência das tecnologias de comunicação e informação na forma do hipertexto digital abre caminhos inusitados para a criação e o compartilhamento universal dos bens culturais, das artes e do conhecimento e, assim, prepara o caminho para um intenso desenvolvimento e intercâmbio cultural da humanidade na aldeia global.

Sem dúvida, esta *aldeia global intercriativa* ainda não está realizada. Ela também não é uma utopia de tipo salvacionista. Entretanto, sua importância provavelmente desenhará de maneira decisiva o cenário político-cultural do século XXI, na forma de múltiplas heterotopias auto-instituídas.

Enfim, para encerrar, se a pergunta de Freud que nos fizemos logo no início deste trabalho continua essencialmente a mesma, a resposta dada por ele também. Se os homens um dia serão capazes de colocar um fim ao inferno da guerra e de sua autodestruição, isto é uma questão difícil de saber, mas o que parece certo é que o *desenvolvimento cultural* trabalha diretamente contra os imortais impulsos destrutivos humanos. E, por todos os lados, então, a tarefa continua sendo a mesma: “Lá onde está o Id deverá estar Ego. É o trabalho da cultura” (Freud, 1980b). É uma tarefa da psicanálise, mas também da filosofia.

⁹ Ver o livro *Emergência*, de Steven Johnson (2003), no qual o autor desenvolve um belo estudo sobre o conceito e os fenômenos da emergência.

Referências

- ARISTÓTELES. 1998. *A política*. São Paulo, Martins Fontes, 321 p.
- BERNERS-LEE, T. 2000. *Weaving the Web: The Original Design and Ultimate Destiny of the World Wide Web*. New York, HarperCollins, 246 p.
- CALVINO, I. 1990. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 141 p.
- CAPRA, F. 1999. *A teia da vida*. São Paulo, Cultrix, 256 p.
- CASTELLS, M. 2000. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 617 p.
- CASTORIADIS, C. 1982. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 418 p.
- COLLI, G. 1996. *O nascimento da filosofia*. São Paulo, UNICAMP, 98 p.
- DERRIDA, J. 1997. *A farmácia de Platão*. São Paulo, Iluminuras, 126 p.
- FREUD, S. 1980a. O mal-estar na civilização. In: S. FREUD, *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro, Imago, p. 81-178.
- FREUD, S. 1980b. O Id e o Ego. In: S. FREUD, *Obras psicológicas completas*. V. XIX, Rio de Janeiro, Imago, p. 23-76.
- GUATTARI, F. 1999. *Les trois écologies*. Paris, Galilée, 73 p.
- JOHNSON, S. 2003. *Emergência – a dinâmica (sic) de rede em formas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 231 p.
- JOHNSON, S. 2005. *Everything bad is good for you*. New York, Riverhead, 254 p.
- KANT, I. 2005. *Textos seletos*. Rio de Janeiro, Vozes, 112 p.
- LÉVY, P. 1997. *Cyberculture*. Paris, Odile Jacob, 313 p.
- MARX, K. 1984. *O capital*. Livro 1, vols. I e II. Rio de Janeiro, DIFEL, 933 p.
- MATURANA, H. 1997. Ontologia do conversar. In: H. MATURANA, *Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte, UFMG, 1997, p. 167-181.
- MATURANA, H. e VARELA, F. 2001. *A árvore do conhecimento*. São Paulo, Palas Athena, 283 p.
- McLUHAN, M. 2001. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 407 p.
- NEGROPONTE, N. 1996. *Being digital*. New York, Vintage Books, 255 p.
- PLATON. 1958a. Les lettres: Lettre VII. In: PLATON, *Oeuvres Complètes*. V. VIII, Paris, França, Garnier, p. 317-354.
- PLATON. 1958b. Phèdre. In: PLATON, *Oeuvres Complètes*. V. III, Paris, Garnier, p. 215-295.
- TORVALS, L. 2001. *Só por prazer*. Rio de Janeiro, Campus, 297 p.
- TOFFLER, A. s/d. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro, Record, 491 p.